

Juros baixam mas economistas prevêem inflação alta para os próximos meses

por Claudia de Souza
de São Paulo

Há indícios significativos de que a indústria e o comércio mantêm as boas vendas que vêm tendo desde o início de novembro e que esperam, com os cruzados liberados nesta semana e o aumento da massa salarial resultante dos dissídios desta época e do 13º salário, um "desafogo" para o Natal. Em alguns segmentos, espera-se também, a exemplo do que ocorreu no ano passado, falta do que vender, devido aos baixos estoques carregados pelas empresas. "Estou trabalhando para ter estoque zero em dezembro", disse há alguns dias a este jornal o principal executivo de uma das maiores indústrias eletroeletrôni-

cas do País. "De três meses passamos a trabalhar com um mês de estoques", disse também o presidente da Manufatura de Brinquedos Estrela, Mario A. Adler.

Para o especialista em inflação Gil Pace, que acompanha preços desde a década de 70, esse é um sinal inequívoco de alta dos índices de inflação para os próximos meses e não de estabilização dos preços como vem apostando a equipe econômica oficial. "Os estoques passaram de 45 a 30 para 10 a 12 dias", disse ontem, mencionando os primeiros levantamentos de preços de que dispõe, de aumentos nos preços industriais que estariam variando entre 40 e 80% para este mês. Sua previsão é de

inflação de 29 a 31% para novembro.

Para o mês de dezembro, Pace não tem previsão. Ontem, ele participou de um seminário sobre hiperinflação organizado pelo Instituto Fernand Braudel, dividindo com um grupo de respeitados economistas a mesma incerteza e curto horizonte de análise com respeito à conjuntura brasileira.

Reunidos para discutir a iminência ou não de um surto hiperinflacionário no País, Affonso Celso Pastore, Celso Martone, Mailson Ferreira da Nóbrega, Carlos Longo e Eduardo Gianeti da Fonseca compararam as últimas semanas aos últimos meses de 1989, debateram em detalhe a situação argentina, pesaram os efeitos fiscais das medi-

das propostas pelo governo ao Congresso e as consequências de um provável acordo com o Fundo Monetário Internacional.

Conseguiram afastar, de modo pouco conclusivo, a hipótese de hiperinflação para os próximos meses. Além disso, concordaram apenas na tese de que a atual diretriz do time oficial de deixar a carga do mercado a estabilização — o chamado "choque liberal" —, e, principalmente, a determinação do governo de não reindexar a economia poderão ter algum efeito na batalha das expectativas. Por exemplo, a queda das taxas de juros dos últimos três dias. A recessão porém não estabilizará a economia por mais de um ou dois meses, concluíram.